

Inveja e Emulação em Plínio-o-Moço

Qui inuidet minor est.
Plínio

INTRODUÇÃO

As duas paixões enunciadas no título deste texto – uma negativa (a da inveja), outra positiva (a da emulação) – foram, ao longo dos tempos, (re)tratadas por poetas e prosadores e têm constituído objecto de reflexão por parte de filósofos que se dedicam ao estudo das paixões da alma. Assim acontece com Aristóteles, a primeira grande autoridade neste domínio, que consagrou os parágrafos 1-17 do livro II da *Retórica* à elaboração de uma espécie de análise geral das paixões e dos caracteres, reservando os §§ 10.1-11.3 ao tratamento das emoções da inveja e da emulação. Começa, como é seu hábito, com a definição dos conceitos:

*“Não há dúvida de que a **inveja** (*phthonos*) é uma pena perturbadora que concerne ao êxito, não de quem o não merece, mas de quem é nosso igual ou semelhante”¹.*

¹ *Rhet.*, 1386b (tradução em Júnior 2006). Cf. 1387b: “se é que realmente a **inveja** consiste numa certa pena sentida contra os nossos semelhantes devido ao êxito visível alcançado nos bens referidos acima, não para nosso proveito pessoal, mas por causa daqueles”. Segundo dissera anteriormente o Estagirita,

E, sobre a emulação:

“Se a **emulação** consiste num certo mal-estar ocasionado pela presença manifiesta de bens honoríficos e que se podem obter em disputa com quem é nosso igual por natureza (...)”².

Cícero dedica o Livro IV das *Tusculanas* ao tratamento das paixões da alma e, reportando-se à posição dos estóicos, define a *invidentia* (vocábulo que prefere a *inuidia*, por considerar que este último tanto se aplica a quem experimenta este sentimento de inveja, como àquele que é objecto dele) nos seguintes termos: **Invidentia esse dicunt** (sc. os estóicos) *aegritudinem susceptam propter alterius res secundas, quae nihil noceant invidenti*. “A **inveja**, dizem, é uma infelicidade que se contrai em resultado da prosperidade do outro, que em nada prejudica o invejoso”³. Ao longo do livro vai especificando a posição de outras tendências filosóficas e comentando-as com grande pormenor e acuidade.

Da leitura de filósofos e poetas depreende-se que o sentimento de inveja (e de rivalidade) mais comum é aquele que se estabelece entre oficiais do mesmo ofício, como se costuma dizer, e vem já de tempos antigos. “Rivalizamos com quantos aspiram às mesmas coisas que nós”, explica o Estagirita (1388a), que ilustra a sua tese com a citação de um conhecido verso de Hesíodo (*Trabalhos e Dias*, 25), aquele no qual o poeta de Ascre refere a *Éris* (‘Luta’) que induz o oleiro a ser émulo (*phthonein*) do oleiro. De então para cá foram inúmeros os poetas – gregos ou latinos – que atribuíram ao *phthonos* as censuras dirigidas à sua obra. Assim aconteceu com Calímaco, de cuja polémica com os Telquinas ficaram vestígios no prefácio

o sentimento de inveja é suscitado pelos bens que sustentam a felicidade, como sejam a sabedoria, o poder, a riqueza.

² *Rhet.*, 1388a.

³ *Tusc.*, 4.8.16-17. O Arpinate continua depois distinguindo entre *inuidia*, *aemulatio* (boa e má) e *obtrectatio* (4.8.17): *Nam si qui doleat eius rebus secundis a quo ipse laedatur, non recte dicatur inuidere, ut si Hectori Aganemno. Qui autem, cui alterius commoda nihil noceant, tamen eum dolet iis frui, is inuideat profecto. Aemulatio autem dupliciter illa quidem dicitur, ut et in laude et in uitio nomen hoc sit; nam et imitatio uirtutis aemulatio dicitur (sed ea nihil hoc loco utimur; est enim laudis), et est aemulatio aegritudo si eo quod concupierit, alius potiat, ipse careat. Obtrectatio autem est, ea quam intellegi zelotypian uolo, aegritudo ex eo, quod alter quoque potiat eo quod ipse concupierit.*

dos seus *Aitia*⁴. Na poesia latina, o tema da *invidia* reaparece a cada passo⁵. Marcial, por exemplo, que abordou o assunto com insistência, retratou-o de forma um tanto desiludida, neste epigrama bem conhecido (10.9):

*Vndenis pedibusque syllabisque
et multo sale, nec tamen proteruo
notus gentibus ille Martialis
et notus populis – quid inuidetis? –
non sum Andraemone notior caballo.*

Graças aos meus versos de onze pés e de onze sílabas
e ao meu humor, grande mas não maligno,
eu, o famoso Marcial, conhecido entre as gentes
e conhecido entre os povos – porque me **invejais?** –,
não sou mais conhecido do que o cavalo Andrémonne.

Trata-se, de facto, de um epigrama entre satírico e amargo: através da sua *pointe* final inesperada, o poeta sublinha de forma quase pungente o quanto a fama é relativa e como um cavalo – mas repare-se que é um cavalo famoso, de nome Andrémonne⁶ – pode superar em fama e projecção social um grande poeta como o Bilbilitano.

Diferente da inveja é a emulação. Ainda segundo Aristóteles (1388a), “a *aemulatio* é uma coisa boa e própria de pessoas de bem, ao passo que a inveja é desprezível e própria de gente vil”.

A ser assim, não admira que a figura que agora nos ocupa, Plínio, se tenha revelado um espírito muito inclinado à *aemulatio* e não à *invidia*, considerando que se tem inveja daquilo que não se pode alcançar, por um lado, e que ele mesmo reuniu um conjunto de condições materiais e humanas que garantiam, à partida, que

⁴ *Aitia*, vv. 17-20: “Ide-vos embora, funestos filhos da Inveja: apreciái a minha ciência / poética com a medida da arte, não da medida persa, / e não procureis em mim qualquer retumbante poema: / tropejar não é comigo, é com Zeus”.

⁵ Sobre a “considerável fortuna” de que o tópico gozou na literatura latina, veja-se Paulo F. Alberto (2002: 121-122, *maxime*, n.º 4).

⁶ Trata-se do cavalo de um não menos famoso auriga, de nome Flávio Escorpo (vd., notas de Cristina Pimentel a Marcial, 4.67.5 e 10.9.5), mas Marcial, de forma bastante sintomática, dá apenas nome ao cavalo (*caballus*, ao gosto da população, e não *equus*, vocábulo nobre), deixando na sombra o nome que se esperaria como segundo termo da comparação, o do auriga.

no seu coração não tivesse guarida a paixão aristotélica da inveja. O escritor de Como foi – a tradição assim o diz – um homem afortunado, que pôde desenvolver plenamente os seus dotes naturais e os seus gostos pessoais, atendendo a que não lhe faltaram nem o enquadramento social, nem os bens materiais, nem o gosto do serviço aos outros, nem uma tenaz paixão pelos *studia*. Homem essencialmente adepto da moderação, se acaso algum sentimento verdadeiramente forte nele existiu, esse foi o da *aemulatio*. A testemunhá-lo estão os inúmeros elogios em que se transformaram tantas das suas páginas. A carta 7.28, dirigida ao amigo Septício Claro, é particularmente sugestiva a esse respeito:

Dizes que me censuraram, na tua presença, por sistematicamente elogiar os meus amigos de forma imoderada. Reconheço o erro e, mais do que isso, acalento-o. Sim, que há de mais belo do que pecar por afecto? E afinal quem são eles para conhecerem melhor os meus amigos do que eu? E mesmo que os conheçam, por que razão me invejam por um erro tão produtivo? Podem até não ser tal qual eu os proclamo: por mim eu fico feliz por me parecerem assim. Portanto, deixem a outros estes cuidados sem tino. Não falta quem considere que censurar os amigos é exercer o juízo crítico. Quanto a mim, nunca me convencerão de que amo em demasia os que me são queridos. Adeus⁷.

Estas palavras revelam um dos traços mais marcantes da idiosincrasia de Plínio: a sua natural disponibilidade para ver os outros, *maxime* os amigos, melhores do que na realidade seriam. Admite o epistológrafo que se trata de um *error*, mas de um *error felicissimus*, isto é, na polissemia do termo, ‘fecundo’, ‘produtivo’, ‘salutar’, ‘benéfico’ em extremo (pois servirá de incentivo ao elogiado); não compreende, por isso, que a sua atitude seja vista com maus olhos: *Sed ut norint, quid invident mihi felicissimo errore?*⁸

⁷ Plínio, *ep.* 7.28. Em nota ao passo, A.-M. Guillemin cita Horácio (*Sat.*, 1.3.41-42), que manifestava o desejo de que a amizade tivesse os olhos indulgentes do amor: *uellem in amicitia sic erraremus et isti / errori nomen uirtus possuisset honestum.*

⁸ “E mesmo que os conheçam, por que razão me **invejam** por um erro tão produtivo”? Recorde-se que, do ponto de vista etimológico, as palavras *inuidia* e *inideo* estão relacionadas com o verbo *uideo*, sugerindo a ideia de ‘olhar de través’, ‘mau-olhado’, ‘quebranto’ (em linguagem garrettiana, quando traduz os *carmina* 5 e 7 de Catulo). A mesma ideia de que estimar os amigos acima do que eventualmente mereçam é um *error* reaparece na carta 3.11, no final do elogio do filósofo Artemidoro, amigo de Plínio (de quem aquele dizia muito bem).

E, de facto, quem convive assiduamente com a correspondência de Plínio percebe que o sentimento negativo da *invidia* não “condiz” com a natural disponibilidade do escritor. Em sua opinião, de resto, a inveja sentida por quem não aprecia o trabalho dos outros pressupõe um sentimento de inferioridade (*ep.* 6.17.4: *qui invidet minor est*), na medida em que só se tem inveja de quem, na nossa óptica, se ergue acima de nós. Defende, isso sim, uma atitude contrária à da inveja, a saber, a da admiração e do louvor: seja o outro superior, igual ou inferior, sempre deverá ser louvado, *laudandus ille*. Daí que, por motivos diversos, Plínio tenha distribuído os seus elogios a rodos, quer por jovens talentos promissores na advocacia ou nas letras, quer por figuras que se notabilizaram pela sua vida exemplar, como Verginius Rufus, Arria Marcella, Helvidius Priscus entre outros, que tanto admirou. Pondo de parte as referências aos “inimigos” declarados de Plínio (que também os teve...), é difícil encontrar, na correspondência pliniana, uma carta que não contenha um elogio, seja ele um tributo à amizade, seja porque também ele estima que o elogiem.

Em 4.27 (uma carta a Pompeius Falco que contém um rasgado elogio ao amigo Sentius Augurinus, um homem de letras), Plínio afirma (§ 2):

Aliquot annos puto nihil generis eiusdem absolutius scriptum, nisi forte me falit aut amor eius aut quod ipsum me laudibus uexit.

Há já alguns anos, creio, que não vejo nada deste género tão perfeitamente escrito, a menos que me deixe enganar pela amizade que lhe tenho ou pelos elogios insistentes com que me cumula.

E em 5.14, fazendo o elogio do amigo Cornutus Tertullus, que fora nomeado superintendente da *uia Aemilia*, afirma (§7): *In infinitum epistolam extendam, si gaudio meo indulgeam*, ‘estenderia esta carta até ao infinito, se desse largas ao meu regozijo’. Não é (apenas) o *topos* da extensão da carta que aqui está em causa, mas sim a expressão sincera do regozijo ditado pela amizade.

No domínio das suas actividades de advogado, partilha com outros o trabalho a desenvolver, fazendo-o, como afirma, sem qualquer sentimento de rivalidade. A carta 3.9 não deixa lugar a dúvidas. Chamado a advogar a causa da Bética contra o corrupto governador Classicus, teve como colega no cargo um tal Lucceius Albinus. Entenderam-se bem e Plínio, tentando explicar essa ausência de rivalidade, não deixa de o registar (§ 8):

Habet quidem gloria, in studiis praesertim, quiddam akoinoneton, nobis tamen nullum certamen, nulla contentio, cum uterque pari iugo non pro se, sed pro causa niteretur (...).

Pois a glória, em especial a dos estudos, contém algo de *incommunicable*, mas entre nós não existe qualquer concorrência, nenhuma competitividade, na medida em que ambos nos esforçamos, estando sob um mesmo dever, não em pensar em nós mesmos, mas na causa em si.

PLÍNIO E A AEMULATIO LITERÁRIA

A obra de Plínio chegada até nós é constituída pela Correspondência e pelo *Panegírico de Trajano*. Mas sabe-se (exactamente através do epistolário) que elaborou muitos outros discursos, além do *Panegírico*, e se entregou ainda a composições poéticas de pendor epigramático, deixando-se guiar, na poesia, na eloquência, na epistolografia, em todas as formas literárias, por mentores de reconhecido nome literário. Deles nos fala em diversos momentos da sua correspondência. Um em particular merece alguma atenção. Pese embora a declaração de intenções que abre o primeiro livro da colecção epistolar de Plínio, em carta-dedicatória endereçada ao amigo Septúcio Claro, é comumente aceite que a disposição das cartas no interior da recolha nada tem de fortuito, bem pelo contrário, é fruto de aturado cuidado⁹. Ora, a carta que surge em segundo lugar – mas que em boa verdade funciona como sendo a primeira, descontada a dedicatória inicial –, é dirigida a Arrianus Maturus, a acompanhar o envio de uma obra (um discurso?), e nela solicita ao amigo que exerça o seu juízo crítico. Em jeito de justificação, argumenta que em nenhum outro trabalho aplicou tanto *zelus*, isto é, teve tanto empenho em seguir e superar modelos literários, em particular do ponto de vista estilístico, tendo como referências modelares a obra de Demóstenes, Calvo e Cícero¹⁰. Desta forma, o epistológrafo apresenta-se logo de entrada, à comunidade

⁹ Recorde-se que nessa carta-dedicatória inicial Plínio afirma ter decidido publicar as cartas *curatius scriptae* e sem qualquer preocupação de ordenação cronológica (*non seruatō temporis ordine*).

¹⁰ Esta carta alude a uma missiva anterior, como o próprio Plínio diz, que não se encontra incluída na compilação chegada até nós.

dos seus leitores, como alguém que não ignora os distintos modelos do passado e em todos procura inspiração, no pressuposto de que é um grande erro não aprender com a lição dos melhores.

A sociedade romana sempre foi muito sensível ao conceito de educação pelo exemplo dos *maiores*¹¹. Ora é neste pressuposto que devem ser lidas muitas das cartas de Plínio, marcadas por constantes e rasgados elogios, seja de amigos e conhecidos (alguns objecto de recomendação), seja de notáveis figuras já desaparecidas¹². São exemplos que ele põe diante dos olhos dos contemporâneos ou vindouros como figuras a imitar e emular. Em seu entender, a paixão da emulação surge como algo de positivo, que contribui para o melhoramento da pessoa que se dispõe a seguir um (bom) modelo e, se possível, a ultrapassá-lo. E tão importante considerava possuir-se a virtude de apreciar os outros e tentar aproximar-se da excelência deles, quanto servir de modelo e ser objecto de emulação¹³.

Na carta 7.30, confessa que, na redacção do discurso *De Helvidi oratione*, teve entre mãos a oração de Demóstenes contra Mídias, mas acrescenta: **non ut aemularer** (não para rivalizar com ele), o que seria, como diz, “presunçoso ou mesmo loucura”, *sed tamen (ut) imitarer et sequerer* (mas sim para me inspirar e aproximar dele), mantidas embora as devidas distâncias. É que, nas próprias palavras do defensor de Helvídio, Demóstenes era um enorme talento, enquanto ele próprio se via a si mesmo como um talento menor¹⁴.

¹¹ E a sua época foi particularmente inclinada à prática da *imitatio* / *aemulatio* por parte dos homens de letras (G. Williams, 1978: 193 e segs.). A emulação está intimamente ligada à *imitatio*, e consiste no desejo, por parte de um escritor, de superar, imitando-o, aquele que considera um modelo.

¹² Veja-se G. Picone (1978: 171), que fala da “*rhétorique de l’affirmation*” ao pronunciar-se sobre os elogios de Plínio.

¹³ Recorde-se que, na opinião de Aristóteles (*Rhet.*, 2, 1388b), são objecto de emulação os que já alcançaram valor, sabedoria, autoridade, a saber, os que dispõem de condições para poderem fazer bem (*bene facere*, conceder benefícios) a outros. Incluem-se neste caso também aqueles a quem muitos querem assemelhar-se, ou de quem querem ser amigos ou conhecidos, ou a quem muitos admiram.

¹⁴ *Ep.* 7.30.4-5: *Sed cum lego, ex comparatione sentio quam male scribam, licet tu mihi bonum animum facias, qui libellos meos de ultione Helvidi orationi Demosthenis kata Meidiou confers, quam sane, cum componerem illos, habui in manibus, non ut aemularer (improbum enim ac paene furiosum), sed tamen imitarer et sequerer, quantum aut diuersitas ingeniorum, maximi et minimi, aut causae dissimilitudo pateretur. Vale.* Os vocábulos *sequere* ou *imitari*, mas sobretudo *contendere* ou *aemulari*, ilus-

Apaixonado pelos *studia*, Plínio exortava muitos jovens a que se dedicassem ao *otium litteratum* e, longe de invejar os novos talentos, tecia-lhes, bem pelo contrário, os mais largos elogios, quer por escrito, quer em público. Ele mesmo confessava, em carta a Restituto (6.17.5):

Equidem omnis qui aliquid in studiis faciunt uenerari etiam mirarique soleo. Est enim res difficilis, ardua, fastidiosa, et quae eos a quibus contemnitur in uicem contemnat.

Pela minha parte, tenho o hábito de testemunhar estima e admiração a quantos trabalham nas letras, por se tratar de um trabalho particularmente ingrato, penoso, desencorajador, e que paga com desdém a quem com desdém a trata.

Fazendo o elogio de Passenus Paulus (9.22), Plínio sublinha o valor do jovem afirmando que rivalizava nas letras com os antigos (*in litteris ueteres aemulatur*), nomeadamente com Propércio, a cuja linhagem pertencia, e com Horácio, a cuja “linhagem” parecia pertencer, tal a qualidade dos seus poemas. E numa outra carta (8.23), dedicada ao elogio de Iunius Auitus, censura(va) os jovens do seu tempo exactamente por prescindirem de modelos, convencidos de que sabiam tudo e não precisavam deles.

Em carta ao amigo Fusco (7.9), dá-lhe conselhos sobre como ocupar os tempos livres, exortando-o a dedicar-se aos estudos, a exercitar-se através de traduções do grego para o latim e vice-versa, ou através da imitação de modelos (*quasi aemulum*): [§ 3] *Licebit interdum et notissima eligere et certare cum electis*. “Rivalizar” (*certare*) constitui uma forma de treino e de elevação do estilo, sobretudo se se souber escolher o modelo com o qual rivalizar¹⁵.

tram bem o conceito pliniano de imitação e inovação. O acto literário é entendido como submissão ao modelo, por um lado, e como resultado de uma necessária inovação pela *uariatio*, por outro. E a obra de Plínio constitui uma prova indesmentível de que, no tratamento literário de temas diversificados, sempre tem no espírito o desejo de emular os grandes escritores.

¹⁵ “Será lícito por vezes escolher temas conhecidíssimos e rivalizar com os autores escolhidos”. Esta carta foi considerada a *Institutio Oratoria* de Plínio (A.-M. Guillemín *ad loc.* E. B. Antón, 1996: 144). O valor formativo do exercício de tradução de textos modelares tinha já sido defendido por Cícero (*De orat.*, 1.34, 154-155), mas Quintiliano insiste no tema (*I.O.*, 10.5.2-8) e será do seu mestre que Plínio primeiramente recebe a ideia. Segundo P. Laurens (1989: 77), terá sido Quintiliano quem apresentou a justificação mais clara da técnica da

A Arrius Antoninus (*ep.* 5.15), que viria a ser o avô materno de Antonino-o-Pio, envia um pequeno bilhete que não é mais do que um cumprimento elogioso à sua actividade como poeta, dizendo: *Cum uersus tuos aemulor, tum maxime quam sint boni experior.* (“Quando tento **rivalizar** com os teus versos, é então que me dou conta da sua excelente qualidade”). E exorta o amigo a continuar a compor poemas cuja excelência os torne difíceis ou mesmo impossíveis de imitar, isto é, que constituam um desafio ao talento dos outros e até mesmo do próprio Plínio.

Por outro lado, ele próprio se revela orgulhoso por poder constituir, para outros, um modelo (*ep.* 6.11). Ao amigo Máximo conta que, chamado a assessorar o prefeito da cidade, num julgamento criminal, teve a oportunidade de assistir à intervenção de Fuscus Salinator e Ummidius Quadratus, dois jovens advogados talentosos e promissores¹⁶; sentiu-se então orgulhoso ao ver a forma brilhante como esses jovens se desempenharam do papel e, simultaneamente, como deram a entender quem fora o seu modelo (6.11.2):

(...) quod et ipsi me ut rectorem, ut magistrum intuebantur et iis qui audiebant me aemulari, meis instare uestigiis uidebantur.

(...) eles mesmos olha(va)m para mim como um guia, um mestre, e aos olhos da assistência parecia que estavam a **rivalizar** comigo, que seguiam os meus passos.

E, segundo um processo que lhe é peculiar, conclui a carta ao amigo Máximo desta forma epigramática (§ 4):

Quod gaudium ut perpetuo capiam deos oro; ab iisdem teste te peto ut omnes qui me imitari tanti putabunt meliores esse quam me uelint.

aemulatio. Depois de ter aconselhado o futuro orador a agilizar o seu espírito através da tradução livre de textos gregos e da paráfrase de textos latinos, comenta Quintiliano: “Não quero que esta paráfrase seja uma simples transposição, mas que se instaure, sobre as mesmas ideias, uma justa e uma verdadeira **emulação**”. Neste passo, que é bastante longo, o autor expõe a sua tese, que é a seguinte, segundo Laurens: “A *aemulatio* tem um valor formativo, quer ela se exerça a propósito de traduções de textos gregos ou de paráfrase de textos latinos, quer rivalizemos connosco mesmos quer com outros”.

¹⁶ A “profecia” confirmou-se: Ummidius Quadratus, cônsul no tempo de Adriano, virá a ser sogro de Marco Aurélio; Fuscus Salinator teve uma excelente carreira de advogado. Sobre estas figuras veja-se R. Syme (1985: 346, 357-358).

Que me concedam gozar sempre desta felicidade, é o que eu peço aos deuses; peço-lhes também – és disto testemunha – que todos quantos atribuam grande valor ao facto de me **imitarem**, esses queiram superar-me.

É difícil duvidar da genuinidade dos sentimentos aqui expressos, tanto mais que Plínio dera e dava o exemplo, mostrando-se admirador e émulo de oradores, poetas, escritores de nomeada, antigos ou contemporâneos. Mas, de entre os modelos de Plínio, dois se destacam: o contemporâneo e amigo Tácito e o grande e já clássico Cícero.

A relação entre Tácito e Plínio ilustra uma amizade sem mancha, ao que parece, entre duas figuras de maior prestígio no seu tempo, literária e socialmente falando. Nas palavras do próprio escritor de Como (7.20.3), eram *duo homines aetate, dignitate propemodum aequales*. No entanto, só Plínio fala (com admiração) do amigo, que é contemplado, no epistolário pliniano, com um conjunto de onze cartas¹⁷. Numa dessas cartas (7.20), Plínio começa por manifestar a grande felicidade que consiste em ambos se entenderem tão bem: *O iucundas, o pulchras uices! Quam me delectat quod, si qua posteris cura nostri, usquequaque narrabitur qua concordia, simplicitate, fide uixerimus!* E ao longo da carta, em vez dos termos *inuidia* ou *aemulatio*, vemos surgirem, em contrapartida, *imitabilis* e *imitandus* referidos ao amigo, que desde jovem Plínio admirou e quis seguir e imitar. Tinha consciência de que o desejo de *imitatio* desempenhava um forte papel formador, porquanto incita cada um ao esforço de se ultrapassar a si mesmo, e tem como objectivo último superar o modelo. Nessa mesma carta, socorrendo-se de uma frase proverbial que se notabilizou com Virgílio (*Aen.*, 5.320), Plínio afirma ficar muito atrás de Tácito, pese embora o facto de se considerar, na escala de valores, o mais próximo (*longo, sed proximus interuallo*). A sua admiração por Tácito, que vinha já dos tempos de juventude, atribuía-a ele a uma espécie de afinidade natural existente entre ambos (7.20.4):

¹⁷ Tem suscitado estranheza que Plínio fale de tantos amigos, conhecidos e desconhecidos, e que nenhum se lhe refira, com excepção de Marcial. Um pormenorizado e estimulante estudo do débito literário de Plínio em relação a Tácito é o de Ch. E. Murgia, 1985: 171-206. A admiração era, ao que parece, recíproca, sendo certo que tanto um como outro enviavam ao amigo as suas obras (poemas, discursos) para serem lidas criticamente. Na referida carta 7.20, Plínio acusa a recepção de um trabalho de Tácito e diz que o anotou, esperando que Tácito faça o mesmo; e na carta-bilhete 8.7, a Tácito, aceita rever o livro que o amigo lhe enviou, embora esteja bem consciente de que não é dotado de qualidades sequer para ser aluno de Tácito.

Et erant multa clarissima ingenia; sed tu mihi (ita similitudo naturae ferebat) maxime imitabilis, maxime imitandus uidebaris.

E havia então um grande número de talentos notáveis; mas eras tu que me parecias (assim o queria a afinidade das nossas naturezas) especialmente **imitável**, especialmente **digno de ser imitado**.

Reflectindo sobre estas tão manifestas afinidades entre Plínio e Tácito, J. Carcopino (1963: 189) escreveu: “Célèbre est l’amitié qui les unissait l’un à l’autre comme de frères siamois”, acrescentando: “Tanto no decurso das carreiras, cujas etapas os aproximavam ainda mais, quanto graças à sua colaboração fraterna nas causas que tinham defendido lado a lado no Senado, nos seus estudos, nas suas obras, e até mesmo na devolução de testamentos cujas heranças partilhavam, eles tinham formado um par inseparável: o dos dois mais altos representantes da eloquência e da literatura contemporâneas”. Não se estranhe, portanto, o enlevo com que Plínio revela, em carta a Máximo (9.23.5-6), o júbilo que sentiu ao saber, da boca do próprio Tácito, que um cavaleiro romano o confundira com Plínio.

Mas a figura de intelectual que mais profundamente marcou Plínio foi o orador Cícero, em quem sempre viu um indiscutível modelo exemplar, não apenas nas letras, mas também na vida¹⁸. Marcial, o poeta de BÍlbilis, intuiu bem esta característica pliniana e deixou-a claramente expressa num poema dedicatório que o próprio Plínio, sem dúvida lisonjeado com os versos do Bilbilitano, public(it)ou na sua correspondência. Eis os versos em questão:

*Totos dat tetricae dies Mineruae,
dum centum studet auribus uirorum
hoc quod saecula posterique possint
Arpinis quoque comparare chartis.*

Ele dedica os dias inteiros à exigente Minerva,
a preparar, para os ouvidos dos centúviro,
o que as gerações vindouras vão poder
comparar até aos livros do Arpinate¹⁹.

¹⁸ Veja-se A.-M. Guillemin (1929: 93-99) e Roy K. Gibson (2003: 240). Tudo leva a crer que foi Quintiliano, professor admirado de Plínio, que incutiu no aluno a veneração pelo Arpinate.

¹⁹ Mart., 10.20.14-27. Tradução de Paulo Sérgio Ferreira, em Marcial, *Epigramas*, vol. IV (Lisboa 2004) 31.

Com o seu argutíssimo espírito observador, e não sem alguma ponta de ironia, Marcial identificou aqui, em traços largamente elogiosos, o *facundus Plinius* e a sua ambição de assemelhar-se a Cícero. Os versos de Marcial documentam, ainda, a importância e mesmo o primado da eloquência na vida de Plínio²⁰.

Várias epístolas atestam o pendor ciceroniano de Plínio, mas é na carta 1.5, ao amigo Vocónio, que esse pendor vem registado de forma taxativa e concludente, em resposta a um remoque que o famigerado Régulo, delator de má memória dos tempos de Domiciano, dirigiu ao advogado de Como. É o próprio advogado que narra como Régulo o censurara, no decurso do julgamento, pelo facto de admirar e imitar Cícero, o que motivou a seguinte réplica do atingido (§ 12-13):

Est enim mihi, inquam, cum Cicerone aemulatio, nec sum contentus eloquentia saeculi nostri. Nam stultissimus credo ad imitandum non optima quaeque proponere.

Pela minha parte, acrescento, esforço-me por **rivalizar** com Cícero, e não me contento com a eloquência do nosso tempo, pois acho da maior estupidez não propor para imitação os melhores modelos²¹.

Há, em contrapartida, quem estranhe, na obra de Plínio, a ausência de certos nomes sonantes da literatura e cultura do seu tempo. É o caso de Juvenal e Estácio. Estes dois grandes poetas seus contemporâneos são completamente ignorados na correspondência pliniana, que tantos nomes desconhecidos contempla e elogia, e o facto chegou a ser imputado a um sentimento de rivalidade. Mas, como bem lembrou A.-M. Guillemin (1929: 20-22), essa ausência deve-se apenas ao facto de estes e outros poetas fazerem parte de outros círculos literários e não do círculo de Plínio. Posição semelhante é a adoptada por Peter White, embora este estudioso prefira falar de ‘amizades literárias’ em vez de círculos (1975: 297-300).

²⁰ Plínio esperava “atingir a glória mediante a eloquência judiciária” (G. Picone, 1978: 22), e a verdade é que foi sobretudo no âmbito da oratória que o escritor mais seguiu Cícero (B. Antón, 1996).

²¹ As cartas que espelham a veneração de Cícero por Plínio: 1.2; 1.5; 1.20; 3.15; 4.8; 5.3; 7.4; 7.17; 9.2; 9.26 (vd., G. Picone, 1978: 39).

PLÍNIO E A *AEMULATIO* DA VIDA

Vimos como o sobrinho do Naturalista se empenhou na *aemulatio* mais conhecida – a literária –, quer como sujeito passivo, quer como autoridade modelar. Mas uma outra *aemulatio* marcou a sua existência: também na carreira e na vida Plínio quis seguir o Arpinate, tomando-o como modelo. E a verdade é que as suas vidas são (quase) paralelas. Oriundos, os dois, da classe dos *equites*, percorreram ambos o *cursus honorum* e chegaram ao consulado apesar da sua condição de *homines novi*, conviveram com os grandes do seu tempo, intervieram na vida da *res publica* com alto sentido de ‘serviço’, desempenhando com empenho e seriedade os cargos que lhes foram confiados, chegaram ambos ao augurado, foram governadores de província na Ásia Menor (Cícero na Cilícia, Plínio na Bitínia), acusaram (e também defenderam) governadores de província acusados de corrupção, defenderam os espoliados dessas províncias, entregaram-se com paixão às letras, foram grandes oradores e publicaram os seus discursos, e revelaram, além disso, curiosas afinidades de gostos e de atitudes²².

Uma tão grande semelhança de percursos não deixa de suscitar alguma curiosidade, tanto mais que se detectam afinidades em questões de pormenor, melhor dizendo, em questões de estudado pormenor. Ninguém duvida de que, quando Plínio afirma tratar com humanidade os escravos, e mesmo sem o declarar expressamente, é em Cícero (embora também em Séneca) que está a pensar. Ninguém discorda de que, quando fala do seu gosto pelas *uillae* de repouso, também tem Cícero como pano de fundo, seja de forma evidente ou não. O mesmo seja dito quando manifesta o seu (des)interesse por obras de arte. Não suscitam igualmente dúvidas outras aproximações, assinaladas, de resto, pelo próprio epistológrafo. Uma das mais clamorosas aproximações relaciona-se com o seu augurado. Plínio regozija-se com a possibilidade que a vida lhe ofereceu de ser nomeado a exercer esse cargo – uma honrosa dignidade vitalícia – e de também nisso ter imitado (e superado) Cícero. Em carta a Arrianus Maturus (4.8), cavaleiro romano que o felicitara pela recente nomeação, Plínio não conseguiu esconder a sua alegria e até

²² Para um conhecimento mais aprofundado deste paralelismo, veja-se Virgínia S. Pereira (2006: 79-104).

mesmo uma ponta de vaidade, pois o cargo resultava da confiança do *Princeps* e ele ocupava-o sendo ainda mais novo do que Cícero²³. Era, como dizia, um “sacerdócio antigo e insigne, sagrado entre todos e venerável”, uma distinção titular que os senadores romanos registavam com orgulho nos *tituli* da sua vida. Mas o amigo felicitava-o, além do mais, por seguir os passos de Cícero, que também fora áugure. Plínio registou o caso para a posteridade, em termos que oscilam entre o auto-elogio e o sentimento sincero da distância que o separava de homens de génio como o Arpinate:

Te quidem, ut scribis, ob hoc maxime delectat auguratus meus, quod Marcus Tullius augur fuit. Laetaris enim quod honoribus eius instam, quem aemulari studiis cupio. Sed utinam, ut sacerdotium idem, ut consulatum multo etiam iuuenior quam ille sum consecutus, ita senex saltem ingenium eius aliqua ex parte assequi possem! Sed nimirum, quae sunt in manu hominum et mihi et multis contigerunt; illud uero ut adipisci arduum, sic etiam sperare nihil est, quod dari non nisi a diis potest. Vale!

Quanto a ti, e segundo escreves, agrada-te particularmente o meu augurado pelo facto de Marco Túlio ter sido áugure. Alegra-te, de facto, a circunstância de eu seguir as suas pisadas na carreira das honras, ele a quem eu desejo **emular** nos estudos. Mas praza aos deuses que, tal como fui investido no mesmo sacerdócio e também no consulado com muito menos idade do que ele, que me seja dado, ao menos em idade mais avançada, conseguir alguma parcela do seu génio! É que não há dúvida: os dons que estão em poder dos homens, tive-os eu como os demais. Mas o que não pode ser senão dádiva dos deuses, isso é tão difícil obtê-lo quanta a presunção em esperá-lo. Adeus.

Também na esfera do autolouvor os dois escritores se aproximavam. São sobejamente conhecidos os auto-elogios de Cícero e as críticas de que foi alvo, nomeadamente no que se refere ao seu tão autopropalado consulado, acerca do qual Séneca (*De breuitate uitae* 5.1) afirmar-se-á: *non sine causa, sed sine fine laudatum*. O Arpinate tinha consciência das críticas que lhe eram movidas e desculpava-se dizendo que fizera os auto-elogios em defesa própria. Quintiliano retoma esta crítica, mas, em jeito de atenuação, sublinha que Cícero

²³ Cícero foi consagrado áugure em 53 a. C., com mais de cinquenta anos, ao passo que Plínio tinha cerca de quarenta e dois anos quando passou a integrar o Colégio dos Áugures. É conhecida a opinião céptica do Arpinate sobre as funções do áugure (vd., A. Everitt, 2004: 205-206); Plínio, por seu turno, considerava o augurado um sacerdócio digno de respeito. Seja como for, nenhum parece ter sido dotado de autêntico sentimento ou fervor religioso.

falava da sua actuação na conjura de Catilina e não da sua eloquência²⁴. Em Plínio o auto-elogio é igualmente uma constante. Em carta justamente conhecida por incluir a célebre pergunta: *Tacitus es an Plinius?*, afirma colher dos seus trabalhos literários muitas alegrias pela glória que lhe conferem, como quando confessou o seu contentamento por ter sido comparado a Tácito (9.23.6):

(...) ego celebritate nominis mei gaudere non debeo? Ego uero et gaudeo et gaudere me dico. Neque enim uereor ne iactantior uidear, cum de me aliorum iudicium, non meum profero, praesertim apud te, qui nec ullius inuides laudibus et faues nostris. Vale.

Então eu não hei-de regozijar-me com a reputação do meu nome? Por mim, regozijo-me e declaro que me regozijo. Nem receio parecer vaidoso ao referir a meu respeito o juízo dos outros, e não o meu próprio, para mais perante ti, que **não tens inveja** da glória dos outros e favoreces a minha. Adeus²⁵.

Esta carta figura no livro que encerra a correspondência pessoal de Plínio, cuidadosamente seleccionada e dada a público pelo próprio. Nela sublinha, uma vez mais, a convicção de que, ligando o seu nome ao de outros de igual ou superior estatuto (social, político, literário), preserva para sempre a memória de si mesmo²⁶.

E assim entrámos num *topos* do agrado de ambos: o do desejo de glória.

O orador de Arpino compusera um diálogo sobre a Glória, hoje perdido²⁷. Plínio não compôs qualquer obra sobre o tema, mas não

²⁴ Quintiliano, *Inst. Orat.* 17 (a respeito da jactância): *Reprehensus est in hac parte non mediocriter Cicero, quamquam is quidem rerum a se gestarum maior quam eloquentiae fuit in orationibus utique iactator.* § 18: *Et plerumque illud quoque non sine aliqua ratione fecit: aut enim tuebatur eos quibus erat adiutoribus usus in opprimenda coniuratione, aut respondebat inuidiae, cui tamen non fuit par, seruatae patriae poenam passis exilium, ut illorum, quae egerat in consulatu frequens commemoratio possit uideri non gloriae magis quam defensionis data.* Deste modo, o auto-elogio num homem de estado, num político, era bem aceite, quando feito em defesa própria e não a título de autoglorificação.

²⁵ Sherwin-White (1988: 507) lembra que Plínio diz algo de semelhante em *ep.* 6.11.4: *teste te peto ut omnes qui me imitari tanti putabunt meliores esse quam me uelint.*

²⁶ Os exemplos apontados são meridianos na sua transparência. Mas nem sempre assim acontece. Plínio é, como escreveu P. Jal (1993: 226), “un être complexe”, “un homme et un écrivain à plusieurs faces”.

²⁷ Sobre esta obra perdida veja-se João Torráo (1991: 259-303).

deixou de exprimir reiteradas vezes o seu vivo desejo de permanecer por muito tempo na memória dos homens. Motivado talvez pelo propósito de Cícero (equacionado no início do *De legibus*) de compor uma obra histórica, Plínio dirigiu a Titínio Capitão uma carta sobre o seu projecto de escrever uma obra histórica (*ep.* 5.8: *Suades ut historiam scribam...*). Um e outro pretendiam libertar do esquecimento (“da lei da morte”, diria Camões) aqueles cuja acção gloriosa merecia ser exaltada, embora Plínio não soubesse ainda sobre que acontecimento(s) histórico(s) iria escrever. Cícero aspirava a ser lembrado passados seiscentos anos; Plínio preocupava-se igualmente com a fama que a posteridade lhe concederia. “Feliz aquele a quem os deuses concederam *aut facere scribenda aut scribere legenda*, “ou fazer algo que seja digno de ser registado por escrito ou escrever algo que seja digno de ser lido”, afirma ele na conhecida carta sobre a morte do tio (6.16.3). E evocando (carta 3.21) a morte de Marcial, e os versos com que o Bilbilitano o homenageou, pergunta-se (§ 6): *Tametsi quid homini potest dari maius quam gloria et laus et aeternitas rerum?* (“De resto, que mais se pode dar a uma pessoa do que a glória, o louvor e a imortalidade?”). E é também o desejo de glória que o leva a falar de muitos dos discursos que proferiu, com o propósito claro de os encomendar à glória da posteridade²⁸.

Neste âmbito é paradigmática a famosa carta de Cícero a Luceio (*Fam.*, 5.12), a pedir ao historiador que registasse para a posteridade a sua acção decisiva como cônsul na reacção à conspiração de Catilina²⁹. Idêntico pedido é dirigido por Plínio a Tácito, em carta não menos famosa (*ep.* 7.33). O confronto do começo de cada uma das cartas fala por si. Escreve Cícero:

²⁸ Curiosamente (ou talvez não), delega o encargo de os registar a cartas que são muito pouco informativas quanto a aspectos concretos dos discursos, como tem sido notado. Pouco informativas são geralmente as cartas que acompanham o envio de obras: 1.8 (a acompanhar o discurso proferido na Biblioteca de Como), 3.10 (a acompanhar o elogio do filho de Espurina), 3.13 (a acompanhar o Panegfírico), 6.33 (a acompanhar o discurso *Pro Attia Viriola*) e 4.14 (a acompanhar uma colecção de poemas), entre outras. No total, treze discursos identificados. Pouco nos é dito sobre estas obras. O mesmo se passa com o discurso referido na já mencionada carta 1.2, sobre os modelos de Plínio, ou a carta 5.12, que nem sequer revela o tema tratado no discurso, remetendo o destinatário (ou o leitor) para a sua leitura.

²⁹ Sobre esta aproximação, veja-se Virgínia S. Pereira (2006).

Ardeo cupiditate incredibili neque, ut ego arbitrator, reprehendenda, nomen ut nostrum scriptis illustretur et celebretur tuis.

Ardo num desejo incrível e que não deve ser censurado, acho: o de que o meu nome fique nobilitado e celebrado na tua obra escrita.

Escreve Plínio:

Auguror, nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras: quo magis illis, ingenue fatebor, inseri cupio.

Tenho o pressentimento – e esse pressentimento não me engana – de que as tuas *Histórias* hão-de ser imortais. É por isso que, confessá-lo-ei sem rebuços, desejo ter nelas um lugar.

Acrescente-se que nem um nem outro se coibirá, nas respectivas cartas, de sugerir que o historiador amigo engrandeça os factos narrados, ou pelo menos não diminua o seu valor³⁰.

Cícero estava mais empenhado em permanecer na memória dos vindouros, como afirma em carta a Ático, do que ser motivo de conversa entre os seus contemporâneos. Plínio nutria idêntico sentimento de que perdurar na memória dos tempos era muito mais importante do que estar presente na memória dos vivos. Assim, ao proceder ao elogio fúnebre da grande figura de Verginius Rufus, que foi seu tutor e ficou conhecido por ter recusado o império, assegura: a sua morte foi “o termo da sua condição mortal, não da sua vida”. Aquela acaba, esta perdura. E acrescenta: “E mais importante será o lugar que ele ocupará na memória e nos discursos dos homens, depois de se ter afastado da sua vida”. A posteridade distinguirá entre os que alcançaram apenas a gloriola e aqueles que, empenhando-se na excelência, se alcançaram à excelência dos génios. É certo que ambos serão aferidos pela memória humana, que às vezes é curta, mas também é verdade que na esperança de alguns essa memória chega à eternidade³¹.

³⁰ A.-M. Guillemin (1929: 116) comentou este aspecto, mas o melhor estudo comparativo das duas cartas em apreço (a de Cícero e a de Plínio) encontra-se em Niall Rudd (1992: 18-32).

³¹ Segundo A.-M. Guillemin (1929: 20 e sgs.), Plínio distinguia entre a *gloria lata* (que estaria ao alcance de quantos se esforçassem) e a *gloria magna* (que para nós é a glória e está ao alcance de raros apenas), em carta a Tácito (4.12.7), e na carta 9.14, igualmente dirigida a Tácito.

As aproximações até aqui apontadas são do domínio geral. Quem ler Plínio e conhecer Cícero facilmente as observa. Igualmente se observam inevitáveis semelhanças de conteúdo e fraseologia em cartas de recomendação, de solicitação de serviços, de agradecimento, de protestos de amizade. Pelo seu próprio tema e tipologia inerente, são muito afins³². Mas há outros paralelos possíveis, embora menos evidentes, que podem ser resultado do desejo de emulação de Plínio em relação a Cícero. Uma afirmação pliniana aparentemente tão inócua como dizer que aprecia uma estátua recentemente adquirida, mesmo sem ter conhecimentos necessários a essa apreciação (3.6), não é, afinal, tão inocente quanto possa parecer. Eis o texto:

(...) *emi proxime Corinthium signum modicum quidem, sed festiuum et expressum, quantum ego sapio, qui fortasse in omni re, in hac certe perquam exiguum sapio, hoc tamen signum ego quoque intellego.*

Comprei há pouco uma estátua de Corinto, não muito grande, mas encantadora e expressiva, tanto quanto sei, embora o meu conhecimento seja talvez muito parco de um modo geral, mas seguramente parco nesta matéria; seja como for, aprecio esta estátua.

³² Refira-se o *topos* do não ter que dizer, que está presente em ambos, com a diferença de que em Cícero tem plena justificação na impossibilidade de abordar certos assuntos por carta, em resultado dos agitados tempos políticos em que viveu (na carta Fam. 2.4, estabelece doutrinariamente três tipos de cartas: a meramente informativa, a carta jocosa e a de assunto sério: (...) *unum* (sc. *genus*) *familiare et iocosum, alterum seuerum et graue*, afirmando que não se pode dizer o que se pensa; nem se pode confiar nos portadores das cartas. Em Plínio, o tratamento do *topos* é puramente literário. Um artigo muito interessante de Ruth Morello (in *Arethusa*, 36, 2003: 187 sgs.), intitulado *Pliny and the art of saying nothing*, é muito claro a este respeito. É que os tempos de Plínio caracterizam-se, no dizer de Tácito (*Hist.*, 1.1), por serem tempos *ubi sentire quae uelis et quae sentias dicere licet*. É verdade, no entanto, que certas cartas plinianas (como 9.2 e 3.20) procuram explicar o conteúdo por falta de matéria mais importante. A segunda (3.20) conta como decorreu a sessão do Senado na qual foi discutida e aprovada a lei do sufrágio secreto; na opinião de Plínio, esta matéria interessava à *res publica*. Nesta mesma carta, afirma que os tempos agora são de paz, prosperidade e segurança, mas que pouco há de empolgante... Ele sentia bem, e afirmou-o, que o tempo em que Cícero viveu e o seu próprio estavam, politicamente, a grande distância um do outro (9.2.1-2): *Praeterea nec materia plura scribendi dabatur. Neque enim eadem nostra condicio quae M. Tulli, ad cuius exemplum nos uocas...* Um outro *topos* é o da paixão pelos *studia*. Cícero e Plínio amavam os *studia humanitatis*, tinham a paixão dos livros, queriam possuir grandes bibliotecas. O orador de Arpino considerava uma biblioteca a “alma da casa”, respon-

Continuando a leitura da carta, percebe-se que o objectivo primeiro de Plínio é descrever a estatueta e anunciar que vai doá-la a um templo na sua terra natal de Como, para que todos possam apreciá-la, ao mesmo tempo que poderão apreciar igualmente o gesto altruísta do autor, que além do mais não perderá a oportunidade de dar a conhecer aos conterrâneos os cargos que tem ocupado³³. Seja como for, ao descrever a estatueta, Plínio reconhece possuir poucos conhecimentos nessa matéria... Pois bem. Os discursos de Cícero contra Verres, nomeadamente o *De signis*, estão cheios de observações deste género, que parecem, *romano more*, minimizar o real conhecimento artístico que o orador possui. Assim, referindo-se elogiosamente a uma estátua de bronze de Hércules, que vira em Agrigento, e à sua extraordinária beleza, o orador observa (§ 94):

Ibi est ex aere simulacrum ipsius Herculis, quo non facile dixerim quidquam me uidisse pulchrius (tametsi non tam multum in istis rebus intellego quam multa uidi) [...].

Existe aí uma estátua de bronze do próprio Hércules, a respeito da qual me não seria fácil afirmar ter visto outra mais bela (embora admita que o nível dos meus conhecimentos nesta matéria não se compare com a quantidade de estátuas que vi) [...].

Um comentário como este denota claramente a preocupação de Cícero em não revelar muitos conhecimentos de arte. Idêntica confissão ocorre, por exemplo, quando, a respeito de uma estátua de Cupido, um mármore de Praxíteles, adianta que, na preparação do processo contra Verres, aprendeu muito de arte: *nimirum didici etiam, dum in istum inquiri, artificum nomina* ('Não admira que tenha apren-

sabilizando o escravo Tirão da inventariação dos livros da biblioteca da casa de Túsculo (Emília Oliveira: 499). Plínio, por seu turno, prezava muito os livros e doou uma biblioteca à sua terra natal de Como (em boa verdade, nada sabemos dos livros que doou, porque a carta que o refere nada diz a este respeito, mas sabemos, isso sim, que foi proferido um discurso a propósito).

³³ De facto, acrescenta, dirigindo-se ao destinatário (o seu agente Annius Seuerus): *Iube basin fieri ... quae nomen meum honoresque capiat*. Lembre-se que chegaram até nós inscrições com o *cursus honorum* de Plínio, como se pode ver em Sherwin-White (1998), "Appendix I ("The personal inscriptions of Pliny", pp. 732-733), e em Pline Le Jeune, *Lettres*, tome I (1987), "Appendice épigraphique", pp. XLIX-LII.

didado os nomes dos artistas, ao proceder ao inquérito contra o réu'). O orador, que dominava tudo quanto dizia respeito à cultura grega, não queria, no entanto, expor abertamente os seus conhecimentos artísticos³⁴. Plínio, romano como Cícero, afinou pelo mesmo diapasão.

Ainda neste campo da arte é possível detectar outras homologias. Levado por um sentimento de *pietas* e generosidade, Plínio quis reconstruir (restaurar e ampliar) um templo a Ceres, junto à sua casa em Tifernum Tiberinum – terra da qual era *patronus* (*ep.* 4.1) –, desejando que o local oferecesse condições para acolher a afluência de peregrinos, no dia da festa anual da deusa (9.39). Quis também que o amigo lhe adquirisse quatro colunas de mármore, para ornamentar o referido templo com um pórtico tetrástilo. Ora Cícero dedicara parte dos seus últimos tempos de vida a convencer o amigo Ático a que lhe comprasse um terreno para aí edificar um *fanum* de homenagem à filha. Pretendia também que o local se caracterizasse pela sua *celebritas*, 'frequência', para assim garantir a homenagem dos vindouros à memória da filha. Além disso, encarregou Ático de comprar colunas de mármore que utilizaria no *fanum* a construir: *Tu tamen Apella Chio confice de columnis* (12.19.1). Comparemos com Plínio:

Haruspicum monitu reficienda est mihi aedes Cereris in praediis in melius et in maius, uetus sane et angusta, cum sit alioqui stato die frequentissima.

Por conselho dos harúspices, cumpre-me reconstruir, embelezando-o e aumentando-o, um templo de Ceres situado nos meus domínios, um templo que de facto está velho e acanhado, sendo, de resto, muito frequentado no dia anual das festividades.

Assim começa Plínio a carta 9.39 (ao arquitecto Mústio)³⁵. A presença do adjectivo *frequentissima* denunciará, sem dúvida, a aproximação de Plínio a Cícero. A carta prossegue, dizendo aquele, mais adiante (§ 4): *Velim ergo emas quattuor marmoreas columnas [...]*, e esta referência às colunas também é provável que denuncie essa aproximação.

³⁴ Leia-se, sobre a qualidade das apreciações artísticas de Cícero, M.-L. Teyssier (1984: 68).

³⁵ J. Henderson (2002: 39) comenta assim o teor desta carta: "Devoted and circumspect, but efficacious and practical: Pliny in his element". Sobre estas e outras afinidades, vd., A.-M. Guillemin (1929: 113-114).

mação. Em todo o caso – como convém quando à *imitatio* se alia a *uariatio* –, há grandes diferenças. O templo de Plínio é restaurado por conselho dos harúspices. O de Cícero tem uma motivação muito pessoal e interior: a de preservar a memória da adorada filha, cuja morte lhe causou o maior desgosto da sua vida. Decidiu, pois, edificar um templo (*fanum*) em honra de Túlia, dedicando a esse projecto cerca de quatro meses, a deduzir da correspondência trocada a este respeito. Em síntese: um dos tópicos mais insistentes, na correspondência ciceroniana do período que se sucedeu à morte da malograda filha, é o da localização do templo em lugar muito frequentado, para assim assegurar a perpetuação da sua memória. *Celebritatem*, *celebre (locum)*, *celeberrimum locum* são algumas das palavras ou expressões que evidenciam o desejo de Cícero³⁶. Plínio, vimo-lo acima, assinalava o local da edificação (*aedes*) consagrada a Ceres como sendo *frequentissima*³⁷. A similitude dos gestos é evidente e tem, como as restantes afinidades, uma razão: a veneração de Plínio por Cícero, acompanhada do desejo de emulação.

CONCLUSÃO

Pela sua própria natureza, a obra de Plínio tem sido amplamente escrutinada como fonte privilegiada de dados para se delinear a biografia vivencial e literária do autor. Estamos, de facto, perante um dos epistológrafos do mundo antigo (juntamente com Horácio, Cícero e Ovídio) que melhor conhecemos ou julgamos conhecer. Vimos como quis seguir de perto os seus modelos preferidos, nomeadamente Tácito e Cícero. Mas há, em relação ao orador de Arpino, uma diferença fundamental. Cícero viveu em circunstâncias

³⁶ Veja-se, sobre a questão da edificação do *fanum*, o desenvolvido e interessante tratamento elaborado por Emília Maria R. Oliveira (2006: 273-323).

³⁷ Em comentário a este passo pliniano, A.N. Sherwin-White (1988: 523) recorda que A.-M. Guillemin considerou a carta pliniana como homóloga das cartas de Cícero sobre o templo à filha. Lembra mas discorda, considerando que em Plínio há outras descrições de templos (vejam-se as cartas 3.6, sobre um bronze de Corinto; 8.8, sobre a fonte do Clitumno). Seja como for, quer a semelhança de certas expressões, quer a dificuldade em situar exactamente o templo pliniano, quer a tendência de Plínio a inspirar-se em Cícero convidam a aceitar a sugestão de Guillemin.

políticas difíceis (devido às lutas civis) e irrepetíveis (porque nelas se jogava muito da idiossincrasia dos contendentes). A Plínio coube viver em circunstâncias completamente distintas, em plena *pax romana*, sobretudo depois da ascensão de Trajano ao poder; por razões já expostas, entregou-se à paixão das letras e transformou a (sua) vida em literatura. Na feliz expressão de P. Vincenzo Cova (1998: 1025), transformou os *facta* em *dicta*. Por isso nem sempre é possível distinguir o que há de sincero ou natural, ou afectado, nas poses do epistológrafo de Como. A cada passo dá de si próprio uma imagem de amor ou amizade desinteressados, a cada passo se dobra em elogios desmedidos. Mas com que sinceridade? São as cartas verdadeiras ou são apenas “demi-vraies”, como lhes chamou M. Durry (1972: VI), que as considerou verdadeiras porque foram enviadas a alguém, mas “meio verdadeiras” porque foram redigidas tendo em vista a sua futura publicação? Em boa verdade, a leitura da correspondência privada de Plínio sempre nos deixa indecisos quanto ao grau de veracidade das suas afirmações e apreciações. Mas uma coisa parece certa. Plínio não terá experimentado inveja por ninguém, assim parece. Quanto ao sentimento de emulação, representava uma homenagem à figura que era objecto de emulação, disso não há qualquer dúvida. Mas não é possível escamotear que, elogiando os outros, preparava o terreno para que o encómio revertesse a seu favor. Como escreveu com certa graça Júlio de Castilho, exactamente a respeito da correspondência pliniana (p. 358): “aquelas mandadeiras [as cartas] são uma espécie de espelhos, em que se mira com prazer”. Nós diríamos: em que se mira com prazer e em que deseja que o (ad)miremos.